

# Cientistas pedem decisão política

RIO — A ciência já sabe como acabar com as doenças da pobreza, mas falta decisão política para transformar a saúde em prioridade. Esta será a principal recomendação do relatório de cientistas brasileiros para definição das diretrizes mundiais em saúde ambiental para a ECO-92.

Durante dois dias, 50 pesquisadores de todo o País estiveram reunidos na Fundação Osvaldo Cruz (Fiocruz), durante o Encontro sobre Saúde e Meio Ambiente. Nos debates, os assuntos foram divididos por nove grupos, que desenvolverão trabalhos específicos sobre filariose, doença de Chagas, esquistossomose, leishmaniose, malária, toxicidade, ácaros e desigualdade e meio ambiente. Os resultados serão apresentados na conferência internacional sobre saúde ambiental, em abril, que vai levar subsídios para a ECO-92.

Segundo Rodolfo Rodriguez, representante da Organização Panamericana de Saúde (Opas) no Brasil, os modelos de desenvolvimento a serem colocados em prática a partir da ECO-92 têm de levar em consideração não apenas metas de produção, mas como as pessoas serão afetadas pelas mudanças propostas.

## FMI

“Seguindo as normas do Fundo Monetário Internacional (FMI), a Bolívia está uma beleza para os moldes dos economistas, pois conseguiu acabar com a inflação, mas o próprio presidente Paz Zamora admitiu que não sabe o que fazer com os milhares de desempregados e doentes que a política inspirada pelo FMI gerou”, disse Rodriguez.

O vice-presidente de Qualidade e Meio Ambiente da Fiocruz, Fernando Pires, afirmou que os governos do Terceiro Mundo, principalmente da América Latina, sempre trataram a doença e não a saúde da população. “Esta é uma forma paliativa”, disse. Segundo o relatório discutido ontem, o saneamento básico é no Brasil uma das maiores causas das doenças da pobreza.

Somente a filariose, transmitida por mosquitos, atinge mais de 12 milhões de pessoas no Brasil, disse Pires. A doença de Chagas, afeta 5 milhões, colocando outras 20 milhões em risco de contágio, e a malária faz 500 mil novas vítimas por ano, destacou o vice-presidente da Fiocruz.